
O “INTERNETÊS” E O LEGADO DA HISTÓRIA DA ESCRITA

MARIBEL CHAGAS DE ÁVILA*

MARIA INÊS PAGLIARINI COX**

RESUMO

Neste artigo, perscrutamos a “língua” engendrada e posta em circulação pela Internet nas interações pelo MSN e Orkut. Não focalizamos o internetês como discurso, gênero, evento de comunicação, texto ou intertexto, interatividade, mas sim como um sistema grafolinguístico. Temos por objetivo apreender e descrever as singularidades desse sistema, visualizar seu comportamento em relação às modalidades oral e escrita da linguagem verbal e discutir a apropriação das formas de representação do oral construídas ao longo da história da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: internetês, sistema grafolinguístico, socioleto, escrita complexa.

Nós, viventes do século XXI, estamos presenciando o nascimento de uma nova modalidade linguística que não se ajusta nem ao da escrita e nem ao pólo da oralidade. Estamos nos referindo ao internetês ou *netspeak* (CRYSTAL, 2005, p. 76), a língua que vem sendo engendrada pelas interações síncronas (MSN e outros chats) e assíncronas (Orkut, *e-mails* etc.), tendo como suporte a tela e o teclado de um computador, conectado à Internet, entendida como o conjunto de todas as redes e *gateways* que usam protocolo TCP/IP¹ para o transporte de informações. O termo “Internet” vem de *internetworking* que quer dizer “ligação entre redes”. Trata-se de um acontecimento revolucionário na comunicação humana, só comparável ao surgimento da fala (entre trinta mil e cem mil anos atrás) e da escrita (há cerca de dez mil anos). Segundo

* Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso/Campus de Cáceres.
E-mail: maribelrchagas@hotmail.com

** Professora do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso/Campus de Cuiabá.
E-mail: lcox@terra.com.br

Crystal (2005, p. 76), “um meio novo de comunicação que afetasse toda a sociedade não aparecia há dez mil anos”.

Confrontados com o *netspeak*, uma forma de linguagem que, à primeira vista, parece instaurar o caos na comunicação, brincando com normas linguísticas e convenções ortográficas, e infringindo-as, os espíritos mais conservadores e desavisados arvoram-se logo em sentenciá-lo como mais um atentado à boa língua. O internetês faz-se objeto de inúmeros debates televisivos e tema de um sem-número de artigos de opinião, quase sempre centrados na ideia de que os internautas estão “assassinando” a língua materna. A possível migração dessa língua infame para a escrita escolar é temida por professores. Para evocar o caráter moralista desse debate, trazemos aqui o trecho de uma coluna da revista *Veja*, de 4 de outubro de 2000, assinada por Diogo Mainardi, que, não fugindo à regra, carrega no tom derrisório que lhe é peculiar:

Eu não sabia o que era tc. Até que Marcelo, na sala Imagens Eróticas, informou-me que tc significa teclar. Por um instante imaginei que os papeadores tivessem inventado um rico jargão feito de síncopes e abreviaturas. Nada disso. O jargão limita-se a kd (cadê), vc (você) e tb (também). O resto é puro erro de português: infelizmente, quiz, afim, faiz. Aliás, este é o aspecto mais paradoxal dos bate-papos: a molecada semianalfabeta é obrigada a se comunicar através da forma que menos domina: a língua escrita. Por isso só consegue articular xingamentos e obscenidades. (MAINARDI, 2000, p. 221)

Assim como a opinião pública, linguistas também estranham a nova “língua”, mas, ao invés de descartá-la na vala comum dos erros, veem nela um rico filão de pesquisa. Na presente década, contam-se inúmeros estudos acerca do internetês. As pesquisas, preferencialmente, tratam as interações por meio da internet sob a perspectiva dos gêneros digitais e hipertextos, procurando mostrar as características relativamente estáveis quanto aos conteúdos temáticos, estilo verbal e composição, num diálogo explícito com Bakhtin (2000). Dentre os estudos sobre os chamados cibergêneros, destacam-se os de Coscarelli e Ribeiro (2005),

Marcuschi (2005), Araújo (2005), Araújo e Biasi-Rodrigues (2007), Freitas e Costa (2006). Os analistas do discurso também têm produzido pesquisas sobre o que se diz na rede, principalmente nos blogs, no Orkut e suas comunidades; cite-se, por exemplo, Komesu (2008), que se debruça sobre a polêmica acerca do internetês.

Embora o estranhamento em relação ao sistema grafolinguístico posto em prática pelos internautas seja a tônica das manifestações acerca do internetês, não há descrições densas que esmiúcem os seus princípios de construção e funcionamento. Geralmente, as idiosincrasias são subsumidas como formas de abreviação. Ninguém discorda dessa categorização englobante dos traços do internetês, mas é preciso ir além e destrinçar as estratégias de que os internautas lançam mão para abreviar. Ribeiro (2006), num trabalho bastante lúcido, trata das abreviaturas como um recurso funcional a essa forma de expressão, mas não exclusivo dela, pois estão presentes em outras fases da escrita (manuscrita ou impressa) do português. O autor analisa documentos do século XIX, para mostrar que as abreviaturas se faziam presentes na escrita daquela época, algumas delas coincidindo com as formas adotadas contemporaneamente pelos internautas. Como o foco do estudo não é o sistema grafolinguístico, mas os procedimentos de abreviatura, o trabalho de Ribeiro não detalha os recursos de escrita de que se apropriam os internautas na tessitura de seus enunciados.

Acreditamos que apenas um trabalho consequente de descrição que revele a natureza ordenada e sistemática do internetês, semelhante ao que Labov (1975) realizou em relação ao *Black English*, pode reabilitá-lo da pecha de erro, caos, desordem e ameaça à integridade do bom português. Vamos, pois, focalizar o engendramento de um sistema grafolinguístico que descobre um novo território entre a oralidade e a escrita do português. Pensamos que este é um passo necessário para superar a atitude simplista de julgar e condenar uma forma de expressão que está nascendo, mesmo antes de compreendê-la. Como afirmam Araújo e Biasi-Rodrigues (2007, p. 90), “um comportamento precon-

ceituoso não vai evitar que os conhecimentos se interpenetrem, pois é assim que a linguagem funciona, numa grande e incontrolável mobilidade, à revelia dos puristas e gramatiqueros de plantão”.

Sob essa ótica, nossa atenção se concentra na descrição desse sistema de escrita alternativo e extremamente funcional num contexto em que a rapidez e a agilidade da digitação são fatores críticos. De antemão, conjecturamos estar diante de um agenciamento de sistemas gráficos que, pressupondo uma competência comunicativa altamente sofisticada, vale a pena ser estudado e compreendido e não posto à parte levemente como português ruim. O internetês não se trata de uma danação da boa escrita, mas sim de uma reinvenção dos meios que a história da escrita disponibilizou aos homens para eles se comunicarem quando não em presença uns dos outros. O alcance, sem fronteiras espaço-temporais, da comunicação cibernética e os recursos da multimídia é que tornam possível essa reinvenção da escrita.

Neste artigo, perscrutamos a “língua” engendrada e posta em circulação pela Internet nas interações pelo MSN e Orkut. Não focalizamos o internetês como discurso, como gênero, como evento de comunicação, como texto ou intertexto ou como interatividade. Focalizamos-lo, sim, como um sistema ou subsistema grafolinguístico, com o objetivo de apreender e descrever as singularidades desse sistema linguístico; de visualizar seu comportamento em relação às modalidades oral e escrita da linguagem verbal e de discutir a apropriação das formas de representação do oral construídas ao longo da história da escrita.

1 INTERNETÊS: UMA LÍNGUA OU UMA VARIEDADE?

A interação por meio da Internet promove um deslocamento das modalidades da linguagem e suas habituais vocações. A dicotomia oral/escrito torna-se insuficiente para abrigar todas as manifestações contemporâneas de uso de uma língua no ciberespaço. Segundo Eisenkraemer (2006, p. 2), o internetês é “uma nova modalidade que engloba características das duas, ou seja, um ‘código escrito oralizado’, ou uma

‘fala/escrita criptografada’”, que exige uma iniciação para se tornar acessível.

O internetês, por ser uma linguagem que identifica a tribo dos internautas, pode ser entendido como uma variedade linguística, uma espécie de socioleto² que, embora exista apenas sob a forma escrita, exhibe muitos traços da oralidade. Não se trata de uma nova língua, pois tanto a produção quanto a compreensão dos enunciados têm por referência uma língua materna compartilhada pelos internautas, por mais estrangeiro que o internetês lhes soe.

Conforme Marcuschi (2005, p. 22), o internetês “não se conforma aos domínios tradicionais do discurso oral e escrito, mas transgride constantemente os limites entre os dois, criando seu próprio domínio no território da comunicação”. Outrora destinada a funcionar como meio de comunicação assíncrono, em razão da defasagem espaço-temporal entre a produção e a recepção, a escrita passa a funcionar como meio síncrono nas interações virtuais *on-line*, realizadas em tempo real. Ainda consoante o autor, a ideia corrente de que o internetês é “uma fala escrita deve ser vista com cautela, pois há um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive acúmulo de representações semióticas” (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Também Crystal (2005, p. 89-90) rebate a ideia de que o *netspeak* é uma fala escrita. Para ele, trata-se de “uma linguagem escrita que foi empurrada em direção à fala e não de uma linguagem falada que foi escrita”. Pelo parentesco que guarda com a conversa face a face, a interação nos *chats* caracteriza-se pela informalidade e espontaneidade. Os períodos são curtos, quase sem orações subordinadas. As marcas dialetais despontam aqui e ali, evidenciando a pertença dos informantes a essa ou aquela comunidade social. Também estão presentes expressões, empréstimos do inglês e gírias próprias da linguagem dos jovens, como: *Kra, podiscre, moh podre, fla sério, teh pareci, eh pakabah, pioh, larga maw cara, yes, no, perfect, new, baby*. Se a linguagem escrita padrão costuma ser neutra em relação aos sotaques e variações dialetais

e socioletais dos enunciadores, o mesmo não se pode dizer do internetês que permite que muito da identidade linguística dos chateadores, orkuteiros e blogueiros reverbere nos enunciados.

Assim, o internetês constitui uma forma de expressão gráfica que lança mão de todos os recursos disponibilizados pela história da escrita para tentar colocar o enunciado digitalizado no compasso de seu correspondente oral. A interação escrita mediatizada precisa imitar a fluência e o ritmo da interação face a face. Interagir em *chats* é enfrentar o desafio de escrever/digitar na velocidade da fala, mesmo que esse seja um intento nunca completamente satisfeito. Por isso, uma das principais características dessa forma de expressão é o encurtamento/simplificação de palavras, a economia de caracteres, mediante recursos como abreviatura, escrita consonantal, transcrição da oralidade, símbolos etc. A palavra de ordem do internetês é rapidez. Assim, para abreviar o tempo de digitação dos enunciados, o internauta lança mão de inúmeros procedimentos gráficos, reinventando a história da escrita com todos os meios que ela nos legou.

2 INTERNETÊS: UMA ANAMNESE DA HISTÓRIA DA ESCRITA

O sistema grafolinguístico constitutivo do internetês é um sistema complexo, uma vez que mobiliza tanto recursos da escrita fonográfica quanto da ideográfica, em combinações inimagináveis antes da explosão da multimídia, graças à tecnologia eletrônica. É tendo por referência uma das duas faces do signo linguístico – significado e significante – que a escrita se define como uma coisa ou outra. A escrita baseada no significado, definida como ideográfica, tem por princípio representar as ideias veiculadas pelas palavras e, a partir dessas representações, evocar os significantes correspondentes no processo de leitura. Já a escrita baseada no significante, denominada fonográfica, não revela nada do significado. Para se chegar às ideias registradas pela escrita, é preciso decifrar as letras que codificam os sons que constituem o significante de

um signo. Decodificado o significante, o(s) significado(s) a ele associado(s) se evidencia(m).

Embora os primeiros sistemas de escrita descobertos fossem ideográficos, não se pode deduzir dessa precedência que tais sistemas eram mais primitivos e que, por isso, evoluíram para e/ou foram superados pelos sistemas fonográficos. Ainda hoje há povos, como os chineses, por exemplo, que usam sistemas ideográficos, e aqueles que, mesmo usando os fonográficos, recorrem aos ideográficos em certos contextos de comunicação.

2.1 *Apropriação de recursos oferecidos pelos sistemas fonográficos*

Sistemas fonográficos são, pois, todos aqueles que representam o significante da linguagem verbal, ou, mais precisamente, o som. Podem ser de natureza silábica, consonantal, fonética, alfabética e ortográfica.

2.1.1 As escritas silábica e consonantal

A escrita silábica é utilizada por algumas línguas. Ong (1998, p. 104) menciona o caso do silabário katakana, usado pelo japonês ao lado da escrita ideográfica. Os silabários hiragana e katakana compõem-se de signos que representam a consoante e a vogal juntas. Para representar as sílabas *ma*, *me*, *mi*, *mo* e *mu*, são usados cinco signos diferentes e não como ocorre na escrita alfabética em que a letra <m> é combinada com as letras <a e i o u> usadas para escrever as cinco vogais em qualquer combinação. A estrutura fonotática do japonês, uma língua que privilegia a sílaba canônica CV, favorece o desenvolvimento desse tipo de escrita. No caso do português, a complexidade de sua estrutura silábica representa um óbice ao desenvolvimento de uma escrita silábica.

A escrita consonantal foi usada por povos fenícios para a grafia de línguas semíticas, a exemplo do hebraico e do árabe. Há quem, como Morais (1996, p. 67), veja no sistema consonantal só mais uma forma de escrita silábica: “um sistema de escrita que aparenta representar con-

soantes, mas que provavelmente era um silabário categorial”. As línguas semíticas compartilham uma característica – suas raízes lexicais são formadas por consoantes. As vogais, estruturalmente recuperáveis nos enunciados, funcionam como morfemas de natureza gramatical, gramemas. São como que infixos.

À guisa de ilustração, trazemos o caso do lexema “escrev-”, do hebraico padrão, citado por Olson (1997, p. 99). Esse lexema, grafado simplesmente com a sequência de consoantes <ktb>, pode ser oralizado de modos diferentes, com distinções vocálicas que marcam o sujeito gramatical, o tempo, o aspecto, a classe morfológica: <katab> = ele escreveu; <katabi> = eu escrevi; <katebu> = eles escreveram; <ketob> = escrever; <koteb> = escrevendo; <katub> = sendo escrito; <kitab> = letras, livro. O contexto indica ao leitor como deve compreender e pronunciar a sequência <ktb>. Tal sistema de escrita “é uma simplificação, um abandono de caracteres considerados redundantes” (OLSON, 1997, p. 100).

O português é uma língua radicalmente diferente das semíticas quanto ao funcionamento da vogal. No português, as vogais das raízes lexicais não são estruturalmente previsíveis. Portanto, o sistema consonantal não pode ser usado indiscriminadamente pelos internautas, sob pena de comprometer a compreensão. A sua supressão dificulta bastante o processo de decodificação, tornando-o completamente dependente do contexto e do cotexto. Por exemplo, palavras como <bala>, <bela>, <bola> seriam todas representadas como <bl>.

Ainda que constringidos pela estrutura do português, os internautas recorrem à escrita consonantal como recurso para abreviar o tempo da escrita. Contudo, restringem-se a um léxico de poucas palavras, bem familiares, compartilhado pelos frequentadores do MSN e do Orkut. Excetuando-se pelos casos em que a palavra se deixa deduzir pelo contexto e cotexto, a lista não vai muito além de *vc/c*, *d*, *q*, *tbm*, *bjs*, *blz*, *cd/kd*, *lgl*, *mt(o)*, *pq*, *qd(o)*, *qt(o)*, *rlx*, *tc*, *nd*, *td*, *vz*, *hj*, *n*, *vdd*, *sdd*, *flw*, *bçs*, *ctz*, *skl* etc.

2.1.2 As escritas alfabéticas: ortográfica e fonética

Os gregos tomaram emprestado dos povos fenícios o sistema de escrita consonantal que era adequado para a representação de línguas semíticas, mas não para a representação de línguas indo-europeias em que as raízes não são consonantais. No grego, as combinações entre consoantes e vogais servem para distinguir significados entre lexemas, como no português. Outro obstáculo à adoção da escrita consonântica era a presença copiosa de palavras iniciadas por vogal, formadas apenas por vogais ou com sequência de vogais.

A invenção da escrita alfabética é, pois, consequência do empréstimo de um sistema de escrita apropriado para a representação de uma língua por outra para a qual não é apropriado. Segundo Olson (1997, p. 105), “a história da escrita não é uma história de tentativas abortadas e de êxitos parciais rumo à invenção do alfabeto, mas sim o subproduto de esforços para aplicar um código escrito a uma língua para a qual ele é impróprio”. Nem todos os sinais silábicos do alfabeto semítico puderam ser diretamente transpostos para as consoantes do grego por falta de correspondência entre os sistemas de sons. Tais sinais foram usados para representar os sons vocálicos do grego, prática que resultou no desmembramento da sílaba em seus constituintes infrassilábicos, ou seja, na escrita alfabética que representa consoante e vogal. A letra *aleph*, reinterpretada pelos gregos como *alfa* e, depois, como *a* pelos romanos – o nosso *a* –, representava uma consoante (uma oclusiva glotal) no hebraico e em outras línguas semíticas.

É com a escrita alfabética que a representação dos sons de uma língua atinge seu ponto culminante, possibilitando uma maior autonomia do texto escrito em relação ao contexto, ao mundo da vida cotidiana. Consoante Ong (1998, p. 107), a escrita alfabética representa o som em si como coisa, transformando o mundo evanescente do som no mundo espacial, mudo, visível, fixo. É um sistema econômico em termos de número de símbolos e, por isso, de fácil aquisição. Além disso, é altamente versátil, podendo ser usado para a escrita de quaisquer línguas, uma vez

que representa o som e não o significado. Não sem razão tornou-se a base do alfabeto fonético internacional (AFI), com que foneticistas e fonólogos transcrevem/escrevem os fones/fonemas das línguas que estudam, independentemente das idiossincrasias e convenções de cada uma delas. O AFI é, como o próprio nome sugere, um código de notação gráfica internacional, que pode ser decodificado por qualquer pessoa iniciada em fonética. A escrita fonética difere da ortográfica, por ser categórica na observação do princípio da correspondência biunívoca entre letra e som.

Contudo, apesar dessa versatilidade, a escrita alfabética, por representar os sons da fala, enfrentou o impasse da variação dialetal. A codificação de todas as variações fônicas atestadas numa língua, quer dialetais quer idioletais, dificultaria/comprometeria o processo de decodificação e leitura, já que haveria tantas escritas quantos falantes. Com tanta variação, ela não se mostrava útil e funcional como meio de comunicação assíncrono e à distância. Por isso, como afirma Massini-Cagliari e Cagliari (1999), o alfabeto é uma invenção brilhante, mas poderia ter falhado, não fosse a invenção da ortografia, que não representa a fala de ninguém. Ela congela as sequências de letras da palavra, fixa a forma de escrevê-la e neutraliza as variações linguísticas no pólo de codificação da palavra. Isto não significa que, no pólo de decodificação, elas não possam ser reintroduzidas. Afinal, cada falante empresta às palavras escritas a sua própria voz e acento. “Conhecer o alfabeto é um ponto de partida, mas saber lidar com a ortografia é fundamental, quer para escrever, quer para ler. É por isso que se diz que a invenção da ortografia foi a salvação do alfabeto!” (MASSINI-CAGLIARI E CAGLIARI, 1999, p. 174).

Como o sistema gráfico do português é alfabético ortográfico, boa parte da escrita dos internautas se faz de acordo com esse princípio. Os escreventes digitais geralmente são pessoas bem letradas que conhecem boa parte das convenções ortográficas e que, como todos aqueles que escrevem em português, têm dificuldades e dúvidas acerca da grafia de certas palavras, já que o princípio da correspondência

biunívoca vigora em uns poucos casos de relações entre som e letra. Sincronicamente, as convenções nem sempre soam lógicas para os falantes/escreventes de uma língua. E, certamente, nenhum internauta vai parar de digitar sua mensagem para consultar um dicionário, já que o fator crítico da escrita *on-line* é a velocidade – daí a abundância maior de formas discrepantes em relação às convenções ortográficas. Apesar do patrulhamento purista dos ortógrafos de plantão, a escrita digital é um lugar de transgressão das normas, que, para os internautas, passa como algo normal. O internetês é uma escrita exercida sem os fantasmas de juízes e reitores da língua.

Conforme Marcuschi (2005), a interação *on-line* não é monitorada, submetida a revisões, expurgos ou correções. Também Crystal (2005) afirma que as discrepâncias ortográficas são bem toleradas no *netspeak*, não são encaradas como erro e nem como falta de escolaridade, mas sim como imprecisão ao digitar rapidamente. Pela sua aderência à conversação oral, a escrita cibernética assume o caráter volátil e efêmero da oralidade, desfavorecendo o retorno e a dobra sobre o mesmo enunciado para corrigi-lo. Mais do que uma escrita no espaço, uma interação *on-line* é uma inscrição no tempo e, como tal, vai desaparecendo à medida que vai sendo produzida. Afinal, o tempo não volta atrás.

Sem dúvida, o núcleo do internetês é a ortografia, sujeita aos mesmos equívocos que pontuam outros textos escritos manuscritos ou impressos. É também a ortografia que funciona como a base da desconstrução e reconstrução por meio de outros recursos, como a escrita consonantal ou abreviações de natureza variada.

Um dos problemas que os internautas encontram na escrita ortográfica é o uso dos sinais de acentuação (agudo, circunflexo e grave) e do til (nasalidade), já que eles são superposições que interrompem o ritmo da digitação linear, demandando, geralmente, o uso de mais de uma tecla para sua escrita. Por isso, preferem notar o acento por meio da letra *h*, principalmente nas palavras oxítonas (café/cafeh, Cuiabá/Cuiabah, José/joseh) ou nos monossílabos tônicos (é/eh, lá/lah, só/soh) –

um recurso já usado por escreventes de português em épocas em que a escrita digital era sequer sonhada –, ou mesmo não notar acento gráfico de forma alguma. Conforme Lévy (1999, p. 242), “as escritas acentuadas que usam o alfabeto romano (como o português, o francês, o espanhol etc.) encontram-se ligeiramente desfavorecidas em relação àquelas que não têm acento (como o inglês)”. No caso do til, é comum ele não ser marcado ou transformar-se em *n/m* após a vogal ou semivogal (não/naum/nao, então/intaum/entao, amanhã/amanham). Uma forma híbrida como *blzinha* (escrita consonantal + escrita alfabética) é uma reconstrução da forma ortográfica *belezinha*.

Além da escrita ortográfica, o internetês usa a escrita alfabética fonética, não tanto pelo uso do AFI, mas sim por se configurar como uma representação da oralidade com suas características e processos fonológicos mais ou menos abrangentes em termos de língua portuguesa.

O emprego preferencial da letra <k> para escrever a oclusiva velar surda [k] e não <c> ou <q> ou <qu> (*kem, daki, fiko, aki, kero, kuarto akela, kuiabah*) e da letra <w> para escrever a semivogal posterior arredondada [w] e não a letra <u> (*falow, maw, viw, per dew, xuvew, ow*) é um exemplo claro de apropriação da escrita fonética. Provavelmente muitos dos internautas nem saibam da existência do AFI, mas eles aprendem a usá-lo, inconscientemente, interagindo com os outros na rede.

Às vezes, os internautas não usam o símbolo do AFI, mas seguem o princípio da correspondência biunívoca, escrevendo o som sempre com a mesma letra. Por exemplo, a fricativa palatal surda [ʃ] que, ortograficamente, ora se escreve com <ch> ora com <x>, é escrita preferencialmente com <x>, como em: *bixo, xora, boxexa, xão, xego, axa, xifrado, xoleh* etc.

Muito comumente a escrita dos internautas se configura como uma transcrição da oralidade feita com os recursos disponibilizados pelo próprio alfabeto, evidenciando inúmeros fenômenos fonético-fonológicos atuais do português brasileiro. Eis alguns dos mais recorrentes: vocalismo de postônica (*vamus, fikandu, pareci, menti*); harmonia vocálica

(*bunitinhu, mintira*); assimilação seguida de crase (*fikanu, bejanu, tenu, olhanu*); monotongação (*baxanu, inkaxo, dexa, pexi, xego, vo, to, pego*); supressão do *r* final nas formas verbais infinitas (*dah, usah, vende, faze*); supressão do *s* final no morfema número-pessoal (*vamu, fizemu, brinkamu*); ditongação da vogal nasal (*tambeim, neim, teim, beim, baum, boum*). É comum a escrita fonética combinar-se com a consonantal, como em *stdamu*.

Um outro aspecto que evidencia a aproximação do internetês com a oralidade é hipossegmentação (junção de palavras formalmente separadas em registro ortográfico), cujos casos espelham tanto a atuação dos grupos de força ou vocábulo fonológico quanto a dos grupos tonais. Entende-se por grupo de força a junção, em um mesmo sintagma, de dois ou mais vocábulos, pronunciados sem pausa intercorrente e subordinado a um acento tônico predominante, que incide, geralmente, sobre o vocábulo mais importante. São grupos de força: a) o substantivo com seus adjuntos; b) o verbo com seu pronome-sujeito; e c) o verbo com seus complementos essenciais. Na escrita dos internautas, a percepção do grupo de força evidencia-se nos seguintes casos: diz que/*disq*, diz que ela/*diskela*, filho da puta/*fdp*, o que/*oq*, para vocês/*pru6*, até logo/*tlog*, nome e idade/*nomidade*.

Já o grupo tonal constitui a unidade de entoação de uma língua e é formado por pés, unidade compreendida entre duas sílabas tônicas (SILVA, 1991, p. 39). Eis alguns exemplos de hipossegmentação sensível ao grupo tonal, observada nos enunciados escritos por internautas: O que que você está pensando?/*kkictapensanu*, Você está a fim?/*ctafim*, Você está aí?/*ctai*. Em tais exemplos, os grupos de força e tonal, não raro, são representados por meio de procedimentos híbridos, envolvendo escrita consonantal, abreviatura, combinação letra-número.

2.2 Apropriação de recursos oferecidos pelos sistemas ideográficos

Como já adiantamos, os sistemas ideográficos são aqueles que representam/escrevem o significado e não o significante como os fono-

gráficos. É pela decifração do significado que se chega ao significante, que não necessariamente é único, já que a leitura, nesse caso, visa à captação da mensagem e não à oralização exata do significante. Diante de uma placa de estacionamento proibido, o leitor pode fazer corresponder enunciados como: Proibido estacionar; Estacionamento proibido; Não posso estacionar aqui; Posso levar uma multa; Aqui é proibido estacionar etc.

Mesmo as sociedades que escrevem suas línguas fonograficamente, como a nossa, recorrem à escrita ideográfica com frequência, em razão de ela se mostrar mais funcional do que a fonográfica em muitas situações. No espaço urbano, onde os leitores estão em movimento e precisam realizar a leitura rapidamente, antes que o texto desapareça do campo de visão, o princípio da escrita ideográfica pode funcionar melhor, já que possibilita a captação do sentido global sem a decodificação e a análise sequencial exigidas pela escrita fonográfica. Além disso, a escrita ideográfica (figurativa ou pictográfica) funciona até mesmo entre falantes de línguas diferentes. Um aviso na porta de banheiro que use as figuras de um homem e uma mulher para indicar banheiro masculino e feminino respectivamente pode ser mais acessível e de maior alcance comunicativo (compreensível a estrangeiros e não letrados) do que aquele que optasse por escrever as palavras “homem” e “mulher”. Também os números, indicando quantidade ou ordem, e os sinais de pontuação são exemplos de escrita ideográfica (escrita ideográfica não figurativa, mas convencional). Os símbolos ajustam-se muito bem ao princípio da economia linguística. Por exemplo, o que seria perguntar, numa carta, sem o sistema convencional de pontuação, *Quando você vem para Cuiabá (interrogação)* e o outro respondendo *Provavelmente (vírgula) vou para Cuiabá em julho (ponto)*?

Assim, os internautas veem na escrita ideográfica um excelente recurso para abreviar o tempo de elaboração/construção/digitação de seus enunciados. Porém, às vezes, pictogramas são usados não para abreviar o tempo, mas para produzir um efeito estético de embelezamento,

como um bordado sobre um tecido uniforme, procedimento bastante usual entre as meninas internautas. Enfeitar os enunciados com desenhos seria, pois, uma marca de gênero, como no exemplo abaixo:

(19:33) Mirela ...:	e eu  um menino de raiva dele
---------------------	--

Nesse enunciado, o desenho da boca refere-se não ao referente “boca”, mas à palavra “beijar”. Não se trata de uma relação direta – *desenho => mundo* –, mas sim de uma relação indireta, mediada pela linguagem – *escrita => linguagem => mundo*.

2.2.1 Os *emoticons*

Apesar de o internetês funcionar quase como uma conversa ao vivo e a cores, não o é de fato. Por ser uma “conversa” à distância, mediada eletronicamente, faltam-lhe ingredientes essenciais à composição do texto produzido na interação face a face, como expressões faciais, gestos, convenções posturais, distâncias corporais etc. Tais componentes são constitutivos do *ethos* dos enunciadores e indicativos dos rumos a tomar na interação. Segundo Crystal (2005, p. 85 e 86), essa carência foi observada desde o surgimento do internetês e levou à criação dos *emoticons* ou *smileys*, como uma forma de compensar o que falta à escrita quando ela tem de carregar o peso da fala.

Os *emoticons* configuram-se, pois, como recurso de escrita ideográfica na tessitura dos enunciados digitais. O termo é formado pela junção das palavras do inglês *emotion* (emoção) com *icon* (ícone) e significa, portanto, “ícones de emoção”. Os *emoticons* resultam de uma sequência de caracteres tipográficos que produzem imagens de expressões faciais supostamente reveladoras de emoções, como :) (os dois pontos representam os olhos e o sinal de parênteses, a boca – o conjunto significa expressão de felicidade), que podem ser identificadas, desde

que o leitor incline a cabeça 90° à esquerda. Os *emoticons* apresentam variações; a expressão de alegria e felicidade pode ser grafada, além de :), como : -) ou XD ou : D, dentre outras formas.

Há inúmeras possibilidades de *emoticons* que indicam expressões não necessariamente faciais, além de outras variações mais elaboradas e disponibilizadas nos *sites* especializados, conhecidas como “carinhas” ou *smileys*, que são circulares, amarelos, parecidos com uma esfera. Podem vir com pequenos braços e pernas e, inclusive, com voz. Os *smileys* 😊 são usados mundialmente, representando, nas interações virtuais, as emoções dos interlocutores.

Além dos *emoticons*, há também os *scripts*, que são desenhos, nomes ou expressões criadas a partir de sinais tipográficos e da escrita, formando um conjunto de caracteres com o objetivo de comunicar uma ideia. Assim, a junção e repetição planejada de alguns caracteres e letras formam um desenho ou imagem. Os *scripts* são também bastante utilizados para mensagens de celulares. No enunciado abaixo, a sequência de sinais tipográficos _)_ representam a palavra “bunda”.

Fon!: nem vo flar nd

Diego: _)_ , bem assim q eh

Fon!: peidei q até arrepiei

Dois aspectos merecem ser destacados em relação ao uso dos *emoticons*, *smileys* e *scripts*. Primeiro, eles não representam um significante (uma palavra) da linguagem verbal, mas um significado. Por isso, no processo de decodificação, não se chega a uma palavra exata, mas a expressões interpretativas, a exemplo do sinal de trânsito já explorado. Segundo, eles se configuram como a camada do internetês que aponta para a internacionalização desse tipo de comunicação, já que transcendem as fronteiras impostas pelas línguas maternas dos internautas. Os *emoticons* são pictogramas convencionais internacionais do internetês. É natural que um gênero interacional que transpõe as barreiras espaço-temporais desenvolva um meio de comunicação internacional. Nesse ponto

da história da humanidade, não é mais absurdo esperar pelo surgimento de ciberlíngua, liberta das fronteiras nacionais e regionais.

2.2.2 A escrita ideográfica fonográfica

Como afirmam Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 25), “nem toda escrita icônica é ideográfica”. Podemos usar ícones de objetos que existem no mundo para evocar o nome, o significante, de uma terceira coisa. Esse sistema de escrita é conhecido como *rebus*. A escrita *rebus* é uma espécie de pictograma em que o símbolo representa o som, como se fosse um fonograma. A palavra *rebus* veio do latim: *res* = coisa; *rebus* = pelas coisas. As cartas enigmáticas, muito comuns em jornais, revistas e palavras cruzadas, são construídas com essa escrita. A esse procedimento de escrita também recorrem os internautas, utilizando-se de figuras, mas principalmente de números cardinais e símbolos matemáticos em combinação com a escrita fonográfica (consonantal, alfabética etc).

(20:52) ❤️:....SrTa LeH...: e ai dia 30 eh seu niver neh  t festa por ai

(20:53) Alexis Pablo: naum sei ainda

Neste exemplo, a caveira em movimento provavelmente foi pensada como um substituto para a palavra *vai*, numa locução verbal em que o futuro é indicado pela adjunção de *ir*, no presente do indicativo, ao infinitivo do verbo principal *ter* (vai ter). Tem-se, pois, na escritura de *vai ter* uma combinação da escrita *rebus* com a escrita fonográfica consonantal, representando não a forma ortográfica *ter*, mas, provavelmente, a forma fonética [te].

 t = [vaj te] <vai ter>

O que predomina é a junção de letras e números, ou de letras e símbolos matemáticos, certamente favorecida pela disponibilidade de números e símbolos no teclado do computador, já que encurtar o tempo de formulação/digitação do enunciado parece ser a palavra de ordem da interação *on line*. Não raro, os internautas lançam mão de números em inglês que se combinam com palavras ou partes de palavras do próprio inglês ou do português. O que é explorado pelos escribas digitais, nesse caso, é a fonetização dos números e sinais matemáticos e não o seu significado. Eis alguns exemplos de adoção da lógica da escrita *rebus* pelo internetês e suas respectivas traduções. No exemplo 1, a oralização dos números 6, 9 e 10 – símbolos ideográficos convencionais e não figurativos – produz uma sílaba ou um conjunto de sílabas que integra uma palavra. No exemplo 2, um internauta diz ao outro que está com sono, recorrendo à escrita ideográfica figurativa (*emoticon*), e o outro lhe responde que também está com sono, mas em inglês e usando a combinação de escrita fonográfica consonantal e escrita *rebus*. Ao usar o número 2, o internauta não queria a palavra <two> que significa *dois*, mas sim sua homófona <too> que significa *também*.

Exemplo 1

OG V6S NAUM TM 9DA10?

OG VOSEIS NAUM TM NOVEDADEZ
HOJE VOCÊS NÃO TÊM NOVIDADES?

Exemplo 2

(22:45) Cassio Narita: I-O (eu estou com sono)

(22:45) ??? ????? : m2



Me *two*

Me *too* (eu também)

É frequente o uso de letras que, numa escrita fonética ou ortográfica, não entra na representação dos sons da palavra. Nesse caso, a letra funciona como uma figura que, uma vez oralizada, produz uma sequência sonora que se integra à palavra e/ou ao sintagma:

H-rrei	H-lera	H-rota (internetês)
Aga-rrei	Aga-lera	Aga-rota (oralização do nome da letra H)
Agarrei	A galera	A garota (forma ortográfica)

Nesses exemplos, o que conta é o nome da letra e não o som que ela representa. O procedimento assemelha-se ao da escrita *rebus*, embora a figura seja uma letra e não um objeto do mundo. Às vezes, não é possível decidir com firmeza se o que está em jogo é o procedimento anteriormente descrito ou se é uma espécie de escrita consonantal motivada foneticamente, como nos casos de *Kceres*, *ksa* e *kra*, já que o nome da letra e a sílaba inicial de tais palavras são formados pela mesma combinação de sons [ka].

2.3 AS MARCAS DA FORÇA ILOCUCIONÁRIA

Sabe-se que a escrita é uma representação apenas parcial da linguagem verbal. Tomando por base a distinção entre os atos de fala locucionário (o que foi dito) e ilocucionário (como o falante queria que fosse entendido o que foi dito), Olson (1997, p. 109) afirma que a escrita capta apenas a primeira dimensão, pois “representa facilmente o ato locucionário, mas dá uma representação insuficiente da força ilocucionária. Recuperar essa força passa a ser um problema fundamental da leitura; e especificá-la, um problema central da atividade de escrever”. Manejar a força ilocucionária constitui boa parte da história da escrita. O sistema de pontuação é uma tentativa de representar ao menos a entonação sinalizadora da força ilocucionária, assim como a explicitação lexical de verbos que designam atos de fala, tais como ordenar, perguntar, afirmar, prometer, conjeturar: Saia! ou Ordeno que você saia.

Contudo, a representação da força ilocucionária é um capítulo inconcluso na história da escrita. Certamente, os internautas ajudarão a escrevê-lo, pois a ciberconversaço, sendo uma espécie de interaçã face a face – em que, paradoxalmente, falta o face a face –, requer, como nenhum outro gênero discursivo, a explicitaçã da força ilocucionária. De acordo com Crystal (2005, p. 85), “tem havido um esforço desesperado para substituir o tom de voz na tela, sob a forma de um uso exagerado de letras, pontuaçã, maiúsculas, espaçamentos e símbolos especiais para ênfase”. Sentir-se compelido a expressar intenções, atitudes, estados de alma, mas não ter como fazê-lo senão tentativamente, eis o dilema com que se defronta o escrevente digital. Sem dúvida alguma, os *emoticons* se apresentam como uma das estratégias de expressã dos estados de espírito dos internautas em interaçã *on-line*, pois compensariam na conversa teclada o trabalho da face. Além deles, outros recursos são usados na tentativa de inscrever o tom, a força ilocucionária, nos enunciados. Para expressar a intensidade da voz e/ou da emoçã, o internetês recorre a: repetiçã de letras (*Milaaaaaaaaa!*); repetiçã de sinais de pontuaçã (*Eita!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!-!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!*); repetiçã de expressões em gradaçã (*Bjnhus...bjs...bjões*); repetiçã de símbolos matemáticos (*bem de+++++++*) e potências (*disculpa naum ter respondido eh q só falava do rafa, ai nem sei o q falar pq ele naum ta aqui em ksa.te adooro*);³ uso de letras maiúsculas (*Q PODRE!*) etc.

Abundantes são as tentativas de representar risos e gargalhadas na tela do computador. Os internautas podem usar letras minúsculas para significar risos e letras maiúsculas para significar gargalhadas, assim como podem mesclar letras maiúsculas e minúsculas. Podem combinar letras com muitos pontos de exclamaçã. O R e o RS são as letras mais usadas, numa espécie de escrita consonantal das palavras “RIR” (*RRRRRRRRRR!!!!!!!!!!!!*) e “RISO” (*RSRSRSRS*), repetidas muitas vezes. Entretanto, os adolescentes costumam usar também formas onomatopéicas (*KKKKKKKKKK*), imitando o próprio som de risos e

gargalhadas, e até mesmo combinações aleatórias de duas ou três letras do teclado do computador, sem qualquer motivação sonora, apenas por uma questão de facilidade e rapidez para digitar (*ghghghghghghghghghgh*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o internetês exista apenas sob a forma de escrita, não se pode dizer que ele seja um mero sistema de escrita. Efetivamente, ele funciona como um socioleto, ou melhor, como uma variedade linguística compartilhada pela tribo dos internautas frequentadores do MSN e Orkut. Como se trata de uma comunicação no ciberespaço, quer dizer, uma comunicação através da interconexão mundial de computadores, a modalidade escrita se mostra mais adequada, já que independe de recursos tecnológicos audiovisuais complementares. Apesar de ser em tempo real, instantânea, não é uma interação face a face, mas sim à distância. Historicamente, a escrita surgiu para suprir a falta de um meio de comunicação que transcendesse os limites impostos pelo tempo e espaços imediatos. Eficiente, pois, como meio de comunicação assíncrono, a escrita habilita-se, com a invenção da Internet, para a comunicação síncrona. A Internet não realiza o milagre do teletransporte dos interlocutores, não é capaz de agenciar uma conversa face a face, mas permite uma copresença virtual, *on-line*, embora os corpos permaneçam apartados. Acreditamos, portanto, que o internetês se trata de um sistema grafolinguístico, uma nova variedade linguística nascida na conjuntura dos mundos virtuais compartilhados capazes de explodir as distâncias que separam os homens. Por ser a marca registrada da tribo dos internautas, o internetês tem sido usado fora de seu contexto original. Presentindo a identificação entre adolescentes/jovens e internetês, inúmeros produtos culturais destinados a esse público leitor/consumidor têm recorrido a essa variedade de linguagem. Observamos o uso do internetês em embalagens do chiclete Adams (“com + tempo de sabor”,

com o sinal de +, substituindo a palavra “mais”, e “Knela”, com a consoante *K* substituindo a sílaba *ca-*), em quadrinhos de Maurício de Sousa, por meio da personagem Bloguinho, criado em 2004, e em legendas do TeleCine (canal de TV por assinatura). Segundo o diretor-geral do TeleCine, a frequência do público jovem aumentou 30% no horário (terça-feira à noite) de exibição do filme com legenda traduzida em internetês.

Há autores, como Ong (1998), que acentuam as diferenças entre a oralidade e a escrita, pensando nelas como modalidades polarizadas, e outros, como Bortoni-Ricardo (2005), que distribuem a oralidade e a escrita ao longo de um *continuum*, em que os usos da língua tendem a ser mais ou menos orais, mais ou menos escritos, em função de suas condições de produção e circulação. Um bilhete ou uma carta pessoal, conquanto escritos, podem ter mais de oralidade do que propriamente uma palestra, que é oral. As fronteiras entre oralidade e escrita são muito frágeis e praticamente inexistem nas interações observadas. Assim, as teorias que dicotomizam a oralidade/escrita mostram-se inadequadas para explicar as formas mestiças, o entre-lugar do internetês. O ciberespaço é um espaço síncrono que permite a conversa em tempo real, mas, que, paradoxalmente, mantém os interlocutores espacialmente distantes, inviabilizando o mimetismo pleno com a interação face a face. Assim, muito apropriadamente Crystal (2005, p. 89-90) afirma que o internetês é uma linguagem escrita empurrada em direção à fala e não uma linguagem falada que foi escrita. Já Pereira e Moura (2006, p 66) afirmam que os internautas “conversam no tempo *on-line*, num espaço virtual, mas a situação de produção não é face a face. Pela imposição do instrumento mediador – o computador –, esta conversa é escrita/teclada”.

Apesar de ser uma variedade grafolinguística, nota-se no internetês um entrecruzamento entre características da fala e da escrita. Conforme Costa (2006, p. 24), a conversa teclada das sessões de *chats* e a conversa falada do cotidiano se assemelham nos seguintes aspectos: tempo real, correção *on-line*, comunicação síncrona, linguagem espon-

tânea, informal, truncada e reduzida etc. Diferem entre si principalmente quanto à realidade “real” da conversação cotidiana e à realidade “virtual” da conversação mediada pelo computador. Tudo o que, na conversa face a face cotidiana, não precisa ser explicitado verbalmente – porque a realidade “real” onipresente é também constitutiva da construção dos sentidos –, na conversa teclada, requer dos internautas a invenção de verdadeiros malabarismos de escrita para compensar o nada dos componentes não verbais e paralinguísticos. Mas, se, algum dia, houve fronteiras rígidas entre a oralidade e a escrita, o internetês se incumbiu de desmanchá-las e hibridizá-las.

Ao decidirmos estudar os princípios de construção do internetês, tínhamos como objetivo levantar argumentos para contestar algumas posições equivocadas acerca desse fenômeno linguístico contemporâneo, como, por exemplo, a de que é uma linguagem escrita errada que ameaça a boa escrita (a ortografia), confundida com a boa língua. Também tínhamos a intenção de ir um pouco além das afirmações genéricas sobre as abreviaturas. Os internautas, tendo em vista a natureza do meio que utilizam, abreviam as palavras com que tecem seus enunciados, mas que estratégias usam para abreviar o processo de escrita da mensagem sem comprometer o processo de leitura? Se, por um lado, a interação *on-line* é uma conversa, por outro, é uma conversa escrita. O ponto crítico é, pois, imprimir à escrita o ritmo da fala, sincronizar o tempo de uma e outra? Há um ditado que diz: “As palavras (faladas) voam e a mão se arrasta”. A questão com se defronta o internauta é a de fazer a mão voar para acompanhar as palavras, ou melhor, a de fazer o dedo voar, já que se trata de uma escrita digitada.

Como o internauta procede para ultrapassar esse obstáculo? Ele realiza uma anamnese dos procedimentos de representação do oral construídos ao longo da história da escrita, apropriando-se de todos aqueles que se mostram funcionais para abreviar e, assim, acelerar o ritmo de produção dos enunciados digitados. Ele encurta seus enunciados, empregando recursos da escrita ideográfica e da escrita fonográfica,

conforme análise realizada nas seções anteriores. Com um *emoticon*, apertando apenas uma tecla (no caso de uso de *smiley*), e duas ou três teclas (no caso de um *emoticon* construído mediante combinação de letras, números, sinais de pontuação e símbolos diversos disponíveis no teclado), ele pode escrever uma mensagem inteira. Por meio da escrita *rebus*, combinando letras e números ou letras e símbolos, pode reduzir substancialmente o número de teclas tocadas, como em V6 (vocês, voçais) e D+ (demais). Recorrendo à escrita consonantal (suprime as vogais), à fonética (suprime dígrafos), às siglas, aos processos fonológicos de supressão de partes da palavra – como apócope (fim), síncope (meio) e ablação (início) –, o internauta reduz consideravelmente a extensão dos enunciados digitados.

Tais procedimentos costumam aparecer combinados, fazendo do internetês um sistema grafolinguístico complexo, híbrido, ao mesclar princípios de escrita tanto dos sistemas ideográficos (representação do significado), quanto dos fonográficos (representação do significante). Vale recorrer a qualquer procedimento de escrita que otimize o tempo de digitação, habilitando o internauta a participar não apenas de interações *on-line* dialogais, mas também daquelas polilogais, já que essas são as preferidas e mais habituais nos *chats*.

Diante do que vimos, discordamos da afirmação feita por Diogo Mainardi, transcrita no início deste artigo, de que se trata da escrita da “molecada semianalfabeta”. Os internautas dominam tão bem a técnica da escrita que podem reinventá-la para torná-la funcional como meio de comunicação síncrono. Há mais engenho e arte no internetês do que pode imaginar a vã sabedoria.

Esperamos que as descobertas desta pesquisa nos ajudem a olhar para o internetês com olhos encantados, tamanha a sofisticação e a funcionalidade desse sistema grafolinguístico, desfazendo a crosta dos preconceitos linguísticos cultivados em milênios de ideologia purista. Para encerrar, vou glosar a frase com que Santos (2005, p. 151) abre seu texto sobre a escrita nos *chats*: “A linguagem se renova, quando se

renovam os meios”. Não adianta remar contra a maré do internetês. O melhor que temos a fazer é conhecê-lo por dentro...

“NETSPEAK” AND THE LEGACY OF THE HISTORY OF WRITING

ABSTRACT

In this article, we scrutinize the “language” engendered and put in circulation by Internet in the interactions through MSN and Orkut. We do not focus on the Internet language as discourse, genre, communication event, text and intertext, interactivity, but as a graph-linguistic system. Our aim is to apprehend and describe the specificities of the system; visualize its behavior in relation to the oral and written modalities of the verbal language; and discuss the appropriation of the forms of representation of the oral constructed in the history of writing.

KEY WORDS: netspeak, graph-linguistic system, sociolect, complex writing.

NOTA

- 1 TCP/IP é um conjunto de protocolos de comunicação entre computadores em rede. Seu nome advém do TCP (Transmission Control Protocol – Protocolo de Controle de Transmissão) e do IP (Internet Protocol – Protocolo de Interconexão).
- 2 Emprega-se o termo “socioleto” para designar variedades linguísticas correlativas a variáveis sociais (classes sociais, grupos sociais diversos, tribos urbanas, gênero etc.).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. R. de. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 91-109.

ARAÚJO, J. C. R. de; BIASI-RODRIGUES, B. Questões de estilo no gênero *chat* aberto e implicações para o ensino de língua materna. In: ARAÚJO, J. C. R. de (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 78-92.

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegamos na escola e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.
- COSTA, S. R. Oralidade, escrita e novos gêneros hipertextuais na internet. In: FREITAS, M. J.; COSTA, S. R. (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 19-27.
- CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- EISENKRAEMER, R. E. Leitura digital e linguagem cifrada dos internautas. *Revista Texto Digital*, ano 2, v. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.textodigital.ufsc.br/>>. Acesso em: 6 jun. 2008.
- FREITAS, M. T. de A.; COSTA, S. R. (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- KOMESU, F. Num sabi neim iscreve i fik disfarssandu: a polêmica como interincompreensão em comentários sobre internetês. In: POSSENTI, S.; BARONAS, R. L. (Orgs.). *Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise de discurso do Brasil*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p. 49-70.
- LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.
- LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAINARDI, Diogo. De papo em papo, sem ideia. *Veja*, 4 out. 2000, p. 221.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.
- MASSINI-CACLIARI, G.; CACLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/Fapesp, 1999.
- MORAIS, J. *A arte de ler*. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.
- OLSON, D. R. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Ática, 1997.
- ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

PEREIRA, A. P. M. S.; MOURA, M. Z. da S. A produção discursiva na sala de bate-papo: formas e características processuais. In: FREITAS, M. T. de A.; COSTA, S. R. (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 65-83.

RIBEIRO, Tiago da Silva. *INTERNETÊS: abreviaturas e outras estratégias de escrita*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, E. M. Chat: e agor@ (novas regras – nova escrita). In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005. p. 151-183.

SILVA, Ademar de. *Alfabetização e escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1991.

